



Apresentação

AFROFILOSOFIAS E SABERES DIASPÓRICOS: Encruzilhadas e Encontros

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4608>

A filosofia ocidental há muito ignora outros modos de sentir, de existir e de pensar, sabidamente aqueles produzidos em solo africano e/ou resultantes da diáspora negra, como as afrofilosofias, as pedagogias ancestrais, as religiosidades do velho continente africano, com seus mistérios encruzilhados. Contudo, o epistemicídio, tal como teorizado por Sueli Carneiro, e o semiocídio, denunciado por Muniz Sodré, têm sido questionados pela presença cada vez maior e inquietante do pensamento negro nos espaços acadêmicos. Em áreas diversas, na antropologia e no direito, na matemática e na medicina, na estética e no cinema, nos estudos da linguagem e na literatura, problematizam-se os lugares de fala e de representatividade europeias, afirmando: não se filosofa somente em grego ou alemão! A filosofia negra se confunde com o corpo negro, portanto não ignorando o corpo para alçar ao reino da reflexão; ao contrário, flerta com as rodas de samba e ginga com a capoeira, promove um saber cujo sentido sincopado e em deriva, completa-se com palmas das mãos: negras.

Este dossiê que apresentamos à Revista Odeere é um convite para pluriversalizar nossa maneira de pensar, produzir conhecimentos e estabelecer outras relações com as coisas, com o mundo e conosco. E não se trata de apenas colorir o pensamento, mas de multiplicar as possibilidades e potências advindas dessa diversidade de vozes que vêm sendo lateralizadas – quando não apagadas – da história de nossa produção intelectual. Nosso objetivo é por em jogo, entre tensões e potências, a vastidão, pouco conhecida, do pensamento negro no continente africano e em sua diáspora.

O artigo que abre o dossiê é “A questão do autoconhecimento na filosofia de Orunmilá”, assinado por Renato Noguera, que tendo como horizonte de reflexão Orunmilá, uma divindade

iorubana do conhecimento, para analisar dois pontos intrigantes: a ciência da cabeça e a cartografia dos caminhos. O texto nos convida a problematizar a linguagem e o autoconhecimento, para delinear uma aproximação de uma metodologia filosófica baseada nos odus, signos míticos do oráculo de Orunmilá, nos incitando a uma articulação criativa, crítica e cuidadosa na tarefa do caminhar filosofante.

“Tango e identidad: problematizando el lugar de la afrodescendencia en Argentina”, de Omer Freixa, tem como solo de reflexão o contexto argentino para investigar de que modo o tango se constitui como um marcador tanto da presença africana, como também de uma história de apagamentos da presença negra nesse país, partindo desse que é um dos elementos internacionalmente ligados à cultura musical argentina.

Emanuel Luís Roque Soares nos brinda com o artigo “A sexualidade no currículo afro-brasileiro”, que realiza uma problematização do cenário da construção das imagens sexualizadas de pessoas negras no Brasil, como continuidades de um imaginário racista, moralista e repressivo, sobretudo no contexto educacional, para nos propor uma delimitação de um currículo que seja referenciado na cultura afrodescendente, que possa ter como ponto de partida a mitologia ancestral dos orixás e também as letras das músicas da MPB que tratam da temática da sexualidade, sempre de modo crítico e criativo.

O artigo “Gênero e etnicidade, conhecimentos de urgência em tempos de barbárie”, de Mary Garcia Castro, parte do pensamento complexo e da demanda urgente por interdisciplinaridade, para pensar a necessidade dessas abordagens na reflexão de gênero e relações étnicas sem simplificações, criticando, por exemplo, a proposta do trato do gênero como ideologia e enfatizando o caráter político da produção do saber, nos convidando a perceber na diversidade já presente nas experiências abordadas em estudos etnográficos um caminho que conclama a complexidade.

O texto de Maurício de Novais Reis e Alexandre Fernandes, “Aforcentricidade: identidade e centralidade africana”, é atravessado por uma reflexão crítica dos conceitos de cultura, civilização e identidade examinados desde o horizonte da afrocentricidade como abordagem que problematiza o apagamento da experiência e do protagonismo das pessoas africanas em África e na diáspora como produtoras de conhecimento.

Luís Thiago Freire Dantas nos apresenta em seu artigo, “A filosofia nagô e a temporalidade da vertigem” uma abordagem do tempo numa encruzilhada entre a fenomenologia e a filosofia nagô, em torno da figura do orixá Èṣú. Esta abordagem nos apresenta um contexto no qual o tempo nos insere numa abertura no qual a realidade do mundo se abre em potências para o

pensar.

O poético texto de Luís Carlos Ferreira, “As filosofias negro africanas como arquipélagos de libertação”, nos convida a navegar *entre-ilhas* com o filósofo martinicano Édouard Glissant para ler uma categoria do filósofo moçambicano Severino Ngoenha, o paradigma da liberdade, situando-o no contexto do enfrentamento à violência perpetrada contra as pessoas negras. Tanto o moçambicano quanto o martinicano reivindicam a liberdade como paisagem desde a qual a cultura volta a ser um terreno de produção de outros modos de viver, menos violentos, mais livres.

O artigo de Eliseu Amaro Pessanha e Wanderson Flor do Nascimento “Necropolítica: estratégias de extermínio do corpo negro”, parte da categoria do filósofo camaronês Achille Mbembe para problematizar a matriz violenta de criação de ideias modernas que se ancoram na estruturação do corpo negro como corpo matável, em que a própria ideia de morte, ao ser revista, reposiciona as relações entre os seres humanos no campo da política.

O texto “O momento da Música Diáspora Africana” de Dener Santos Silveira nos convida, desde abordagens pós-coloniais, a visitar o conceito de diáspora africana desde a experiência musical, trazendo as classificações da musicalidade, sobretudo no Brasil, para o centro da discussão, politizando o movimento desde o qual a percepção dos lugares e funções da música negra desde o contexto das relações raciais, no enfrentamento ao racismo.

Bruno Garcia dos Santos e Amailton Magno Azevedo, “Memórias de devoção e saberes ancestrais afrodiáspóricos”, nos conduz a São Paulo, até a irmandade de São Benedito da Casa Verde, onde podemos acompanhar as narrativas de memória de Lucinda de Oliveira Marcelino desvelando o protagonismo feminino na manutenção, recriação e reprodução das memórias ancestrais afro-brasileiras, calcando no coração da metrópole paulistana valores e práticas que nos levam a lugares do pensar e do viver que reposicionam o lugar do ser negro num espaço racista.

O artigo “A Lenda e a Lei: a ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo” de Augusto Sérgio São Bernardo nos convida a pensar o direito desde a perspectiva das moralidades e eticidades afrodiáspóricas, agenciando conceitos como ubuntu e ancestralidade como fundamentos para a norma desde o horizonte da eticidade herdada dos ancestrais que não são apenas signos do passado, mas presenças atuais que guardam a moralidade das comunidades nas quais o direito é demandado.

“Encruzilhadas epistemológicas” é o artigo assinado por Humberto Manoel Santana Júnior, que discute o *candomblé* como solo de produção de conhecimento, delineando uma epistemologia que reconheça suas heranças africanas, desde a crítica africano-centrada da estadunidense Marimba Ani. Encruzilhar o conhecimento, como caminho de produção de sentidos,

é a proposta do trabalho, que tem a experiência negro-africana como base do pensar.

O artigo de Ivo Pereira de Queiroz, “Dialética da Medicina como política e da política como medicina”, faz uma provocativa leitura do trabalho do martinicano Frantz Fanon, em suas discussões médicas, convidando-nos a politizar o pensamento sobre o corpo e a saúde e inserindo a discussão bioética em um campo politizado de enfrentamento ao racismo e colonialismo, colaborando significativamente para essa lacuna na discussão deste campo do conhecimento.

Encerrando o dossiê, temos o texto de Mariana Fernandes dos Santos, Nathalia Helena Alem e Jorge Ferreira Dantas Junior “O discurso do livro didático de física: por uma escolha pela diferença”, no qual o autor e autoras discutem o eurocentrismo do discurso pedagógico no ensino de física, presente nos livros que são utilizados no ensino da disciplina no Ensino Médio, promovendo uma contribuição importante para a inserção do Ensino da matéria no contexto do trabalho com os conteúdos de História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras no currículo da educação Básica, demandando uma descolonização do currículo.

A diversidade de abordagens presentes no dossiê nos mostra o quão potente é o trabalho com os saberes ancestrais negros nos mais diferentes planos do conhecimento e nos mostram o quanto podemos fazer no campo do conhecimento para o enfrentamento ao racismo desde a multiplicação de olhares e no combate ao apagamento de tão vastas contribuições que as filosofias negras, em suas mais diversas vertentes podem oferecer. Colocar os pensares negros como ferramentas à disposição do público brasileiro é uma urgência para um mundo menos opressivo e mais plural. Que este convite seja apenas um dos muitos começos possíveis.

Axé! Que Ori permita!

PS: Queremos agradecer ao prof. Dr. Natalino Perovano pelo acompanhamento durante a produção deste dossiê. A ele nosso abraço e respeito!

Alexandre de Oliveira Fernandes (Osaniyi)
Emanoel Luis Roque Soares
Wanderson Flor do Nascimento
(Organizadores)

Alexandre de Oliveira Fernandes: É Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ); professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA. Desde 2014 é professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/UESB/Jequié. Em 2018 iniciou atividades como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações

Étnicas - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. Desenvolve e orienta estudos nas áreas de Literatura, Análise do discurso crítica, Currículo, Pós-estruturalismo, Interculturalidade crítica, Gênero, Estudos Queer, Culto aos orixás, Epistemologias e religiões de matrizes africanas, Antropologia das religiões, corpo, performance e formação da subjetividade. Estuda especialmente Michael Foucault e Jacques Derrida, Catherine Walsh e Judith Butler, Clifford Geertz e Homi Bhabha. Em 2017 foi aprovado para pós-doutorado oferecido pelo Mestrado Profissional em História Profissional da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/Caetité, desenvolvendo a pesquisa intitulada: Axé: filosofia/epistemologia exuriana em textos de Ifá, sob a supervisão do Professor Doutor Emanuel Luis Roque Soares.

Emanuel Luis Roque Soares: É professor associado I, ensina de filosofia da educação e filosofia da ancestralidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, também é professor permanente do mestrado profissional em História da África da UFRB. Participa dos seguintes grupos de pesquisa: NÚCLEO DE PESQUISA FILOSÓFICA: EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA (líder) além do NIHME/UFC e HCEL/UFBA. Tem a seguinte formação: Pós-doutor em Educação Universidade Federal da Paraíba/FACED (2012) Doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED. Mestre em Educação (2004) Universidade Federal da Bahia/FACED. Especialista em Estética, Semiótica, Cultura e Educação (2001): Universidade Federal da Bahia/FACED. Bacharel em Filosofia (1999): Universidade Católica do Salvador. Discuti os seguintes temas: filosofia da ancestralidade, filosofia da educação e formação do professor de filosofia, memória do negro no Brasil e religiões de matriz africana.

Wanderson Flor do Nascimento: Graduado em filosofia, especialista sobre o ensino de filosofia, mestre em filosofia e doutor em bioética pela Universidade de Brasília (UnB). É professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UnB, do Programa de Pós-graduação em Bioética (FS-UnB), do Programa de Pós-Graduação em Metafísica (IH/UnB), do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (CEAM/UnB) e colaborador dos programas de mestrado profissional em Sustentabilidade junto ao Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB) e Filosofia - PROF FILO - (Multi-institucional, Pólo UFT). Colíder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq). Suas pesquisas se estruturam em torno dos processos de subjetivação - em suas dimensões ontológicas, éticas e políticas - e subdividem-se em quatro campos: 1) As filosofias africanas e afrodiáspóricas; 2) Relações Raciais e Tradições Brasileiras de Matrizes Africanas (Com ênfase nos candomblés); 3) Ensino de Filosofia e Filosofia da Educação (com ênfase na formação docente para o trabalho com o ensino das culturas e histórias africanas, afro-brasileira e indígenas); 4) Fundamentos da Bioética (Com ênfase nos aportes contra-coloniais às bioéticas latino-americanas e dimensões bioéticas das Políticas de Saúde para a População Negra). Além das categorias criadas no âmbito das filosofias africanas e dos estudos antirracistas sobre as relações raciais, utiliza o aporte das teorias de gênero, dos feminismos, da psicanálise e do instrumental analítico produzido por Michel Foucault. Investiga, ainda, saúde da população negra, diversidades de gênero e de orientação sexual, direitos humanos, estudos sobre a colonialidade e suas repercussões na educação e na Bioética.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2018.